



Economia em modo de crise

A agenda pós-corona

Coluna de **Henrik Müller**

Graças às novas vacinas, começamos a vislumbrar o fim da pandemia. Mas a recuperação da economia será lenta. E os próximos desafios são, há muito, mais do que previsíveis: vejamos o que temos de fazer agora.

15.11.2020



Alemanha no Outono de 2020: Migração, inovação e reformulação do Estado social serão os desafios centrais no período pós-pandemia

Foto: dapd

Um suspiro de alívio parece percorrer a economia, pelo menos em partes dela. Existe manifestamente uma vacina muito eficaz para o coronavírus e, em breve, até haverá mais. O próximo presidente dos EUA, Joe Biden, promete retomar a colaboração internacional e o espírito de união no Ocidente — a era da insanidade parece caminhar para o fim.

Boas notícias, sem dúvida. As bolsas já começaram a celebrar. Os grandes índices bolsistas dos EUA e asiáticos recuperaram entretanto os seus máximos de Fevereiro. O índice alemão Dax parece também levar o mesmo caminho.

Contudo, estamos ainda em plena vaga de Inverno do coronavírus. Confinamentos e encerramentos limitam em todo o mundo a liberdade de movimentação e a actividade económica (esteja atento na

quinta-feira à cimeira da UE). Permanece ainda por esclarecer quando será possível vacinar tanta gente de modo a poder dar o vírus realmente por vencido.

Donald Trump continua a assombrar os corredores da Casa Branca e a instigar os seus adeptos. Na cimeira dos G20 no **sábado** e no **domingo**, marcará novamente a sua presença. Será porventura a sua última aparição no grande palco internacional. Podemos contar com uma ou outra intervenção surpresa. Sob este ponto de vista, as bolsas têm razão: é chegado o momento de nos mentalizarmos para a fase seguinte, depois do corona e depois de Trump. Mas serão estas novas perspectivas motivo para festejar? Isso já é outra história.

Os tristes anos vinte

A década de vinte começou indubitavelmente da pior forma: uma pandemia, a mais profunda crise económica global das últimas gerações, tudo com o pano de fundo de uma ordem mundial a desintegrar-se, assolada por animosidades e conflitos económicos. As consequências destas experiências chocantes irão ensombrar as perspectivas de futuro a longo prazo.

A sensível sensação de insegurança terá incutido nos investigadores e consumidores um maior espírito de cautela. O indicador do nosso centro de investigação DoCMA sugere que factores fundamentais, como as mudanças climáticas e, precisamente, as pandemias estarão agora mais presentes nas consciências das pessoas. E isso ameaça produzir um efeito de travão no desenvolvimento económico.

Sobre o autor



Henrik Müller

é professor de Jornalismo Económico e Político na Universidade Técnica de Dortmund. Este economista doutorado foi anteriormente vice-redactor-chefe da revista *manager*. Müller é além disso autor de inúmeros livros sobre temas de economia e política monetária. Na revista *manager*, traça todas as semanas uma perspectiva dos acontecimentos mais importantes da semana no mundo da economia.

Em todo o caso, ninguém conta com uma recuperação espontânea. Se tudo correr bem, o produto interno bruto alemão no final de 2021 terá alcançado o nível do final de 2019. Dois anos perdidos. Já é suficientemente mau. Mas, apesar de tudo...

Depois disso, teremos entrado numa nova era. Quando tivermos recuperado do retrocesso do corona, teremos de encarar outros factores-travão. O Conselho de Especialistas para Análise da Evolução Global da Economia (os «Fünf Weise» ou «Cinco Sábios») acabou de estimar, num seu parecer anual para a Alemanha, que temos pela frente um longo desvio no caminho de crescimento. Em 2025, as possibilidades de produção da economia nacional («potencial de produção») deverão crescer ainda apenas a metade do ritmo que há uma década.

Isto é problemático, já que o potencial de produção é uma medida importante da evolução do bem-estar. E da sustentabilidade da dívida pública.

Pessoas e outros estrangulamentos

O grande travão ao potencial de produção reside na população activa. Devido ao envelhecimento da sociedade alemã, o número de pessoas activas nos próximos anos começará a diminuir.

É mesmo verdade: economistas e demógrafos já tinham chegado à mesma conclusão no final dos anos 2000. Mas então vieram os dourados anos 2010, quando a Alemanha pôde aproveitar os milhões de imigrantes, sobretudo de outros países europeus. A boa conjuntura atraía sempre cada vez mais pessoas para o mercado de trabalho alemão, e não apenas do estrangeiro: menos desempregados, mais mulheres e idosos a trabalhar — tudo isto garantiu um aumento maciço do volume de trabalho e elevou aos píncaros um trajecto de crescimento que antes praticamente ninguém julgaria possível.

Contudo, agora, a evolução demográfica parece atingir-nos implacavelmente. Nos anos vinte, uma grande faixa das gerações mais velhas irá entrar para a reforma. Paralelamente, o afluxo de pessoas rumo à Alemanha está a diminuir. A imigração líquida situa-se no seu nível mais baixo de há anos, como comunicou recentemente o instituto nacional de estatística alemão.

Como é evidente, neste momento, a evolução sofre uma influência exacerbada da crise do coronavírus. Contudo, dado que nos mais importantes países de imigração as perspectivas demográficas são tão sombrias como na Alemanha, não é de prever que se venha a repetir o *boom* de imigração da última década. Corremos o risco de regressar ao estado normal de escassez de mão-de-obra — e de esta se tornar num factor de estrangulamento que limita as demais possibilidades de desenvolvimento económico.

Ainda assim: o desvio no trajecto de desenvolvimento não é um destino inevitável. O sector político e a economia podem combater essa fatalidade. Vejamos aqui alguns pontos de partida.

Ponto de intervenção 1: Estado social

A iminente diminuição da população activa poderia ser amenizada se o trabalho na Alemanha não fosse tão onerado com impostos e contribuições. As pessoas com um rendimento médio têm de entregar ao Estado 60 cêntimos de cada euro que ganham. Para os casais com filhos, a carga é um pouco menor, mas, com o aumento dos salários, também lhes é deduzido mais de 50 por cento.

Este é um problema fundamental. A elevada carga limite aplicável aos baixos e médios rendimentos reduz a motivação para alcançar melhores desempenhos e dificulta a mobilidade social. Quem se esforça e aposta em formação contínua e, deste modo, melhora a sua remuneração, quando recebe a folha de vencimento percebe que a maior parte escoia para os regimes de segurança social e para as Finanças. Só os trabalhadores com rendimentos claramente acima da média vêem a sua carga limite a diminuir novamente. Este sistema é ineficiente e injusto.

Se quisermos diminuir a carga limite das pessoas com baixos a médios rendimentos, teremos de intervir nas estruturas do Estado social. Tal não se consegue com reduções de impostos, já que o imposto sobre os salários e os rendimentos não assume de qualquer modo um grande peso nestes grupos de rendimentos. Só reduziremos eficazmente a carga se as suas contribuições para a segurança social baixarem. Uma tarefa hercúlea do ponto de vista político.

Uma estratégia semelhante aplicar-se-ia também ao sistema de pensões. Por que razão os trabalhadores que se sentem suficientemente em forma não hão-de poder adiar a reforma, mesmo para lá dos 70 anos? O argumento de que os mais velhos têm de abrir espaço aos mais novos deixa de fazer sentido num tempo de escassez crónica de mão-de-obra.

Ponto de intervenção 2: Imigração

Futuramente a Alemanha continuará dependente da imigração, aliás em quantidades consideráveis. E não vai ser pêra doce.

O número de trabalhadores nacionais irá diminuir 12 a 16 milhões nos próximos 40 anos, segundo o prognóstico de um estudo de investigadores do Instituto de Investigação do Mercado de Trabalho e das Profissões (IAB) por incumbência da Fundação Bertelsmann. Mesmo que mais pessoas trabalhassem mais tempo: a população activa irá encolher dramaticamente, o que conduzirá a uma debilitação substancial do potencial de produção.

Para manter o número de trabalhadores no nível actual, todos os anos terão de ser pelo menos mais 260 000 as pessoas que entram na Alemanha do que aquelas que saem. E estes imigrantes terão de vir de culturas mais distantes, já que a restante Europa depara com desafios demográficos similares. Para integrar estas pessoas e lhes garantir as qualificações adequadas, em parte possivelmente ainda nos países de origem, é preciso uma nova estratégia para a política de imigração.

Ponto de intervenção 3: Inovação

Se menos pessoas tiverem de gerar mais produto social, isto significa simplesmente que a produtividade tem de aumentar. Lamentavelmente, estamos a evoluir na direcção contrária: os especialistas em estatística têm vindo a medir há anos um crescente abrandamento dos crescimentos da produtividade. Mas isto não acontece apenas na Alemanha, estamos perante uma tendência global.

Uma vez que o progresso económico é cada vez mais impulsionado por bens económicos imateriais, a formação, a formação contínua, as ciências e a inovação terão de se tornar áreas de actuação centrais nas políticas económicas.

No que toca à despesa com investigação e desenvolvimento, a Alemanha está na verdade bem posicionada no plano internacional. Mas os orçamentos para a inovação estão concentrados num pequeno número de grandes empresas e sectores, especialmente a indústria automóvel, que se encontra actualmente em fase de mudanças radicais. E isto implica riscos.

Uma outra coisa é clara: este é um momento em que precisamos mesmo de verdadeiros empreendedores. Pessoas dispostas e com capacidade para lidar com esta situação extremamente complicada do ponto de vista económico, político e epidemiológico e para experimentar novas abordagens. Pessoas com vontade de trabalhar e de liderar, que tenham a coragem de ousar fazer coisas, sem ter a certeza do desfecho a que levarão, encarando inclusivamente a possibilidade do próprio fracasso.

Ainda assim: o facto de a primeira vacina para o coronavírus em condições de ser aprovada ter sido desenvolvida na Alemanha — pela empresa de Mainz BioNTech, dirigida por Ugur Sahin, um cientista de origem turca cujos pais emigraram para a Alemanha nos anos sessenta —, é um êxito extraordinário. E lança um raio de luz para o que ainda poderá acontecer futuramente neste país.

Artigo original: https://www.manager-magazin.de/politik/weltwirtschaft/die-nach-corona-agenda-a-f0d5bd62-5c37-49a9-8bcc-dcf99ee9df96?sara_ecid=nl_upd_v1RmNA6KefdrNuSn5Q7RQg7VZvodaS&nlid=7fj02lpf

Pura Communications – Tradutora: Ana Pinto Mendes